

## Sobre o “politicamente correto” e o “populismo”<sup>1</sup>

Ricardo Azevedo

No ótimo livro *Expressão e significado. Estudos da teoria dos atos de fala*, o filósofo da linguagem John Searle, páginas tantas, diz uma coisa muito legal: “frases feitas são aquelas que nos ajudam a abandonar nossos problemas antes de resolve-los”.

No caso, a ideia de “frase feita” equivale a “ideia ou fórmula pronta” e se encaixa como uma luva quando pensamos em “populismo”.

O discurso populista costuma se apresentar como a solução definitiva de todos os nossos males. Tem quase sempre um líder que age como um salvador da pátria, alguém que se apresenta como confiável e justo, que afirma conhecer as emoções e medos do povo, garante saber o que o povo precisa e até fala em nome do povo.

É como se a sociedade inteira fosse algo muito singelo e homogêneo passível de ser expressa por uma única voz. Daí os bordões como o “nós contra eles” – como se “nós” e “eles” fossem dois grupos nítidos e coesos – e a apresentação de soluções fáceis e rápidas para os intrincados e nada fáceis problemas sociais e culturais que enfrentamos. Em geral, o discurso populista, por afirmar representar a “verdade”, costuma desqualificar toda e qualquer oposição. Diante de algum entrave, o remédio é a velha e boa “consulta popular”. Imagine consultas populares a torto e a direito em países imensos e populosos como o Brasil. Fora isso, quem seria responsável por informar à população o alcance e as consequências de cada decisão, de forma não tendenciosa? Quem formularia as perguntas de forma não dirigida?

Propor o ajuste e o aprimoramento do sistema de representação política e democrática – ação sem dúvida complicada e trabalhosa – não entra na conversa populista.

Políticas claras, consistentes e duradouras para, por exemplo, a Educação – algo que de fato seria capaz de modificar concretamente a condição de vida do povo e alavancar o desenvolvimento do país – também não faz parte da pauta. Entre outras razões, porque são políticas trabalhosas e de médio ou longo prazo.

O populismo é o contrário da democracia. Faz de seus eleitores eternas crianças que votam em “pais da pátria”, donos de soluções mágicas, para tomar conta de suas vidas e dos rumos de seu país.

De certa forma, o chamado “politicamente correto” pode ser considerado outro exemplo das mesmas “frases feitas”, fórmulas que nos ajudam a abandonar os problemas antes de resolve-los.

---

<sup>1</sup> Publicado na página <https://www.facebook.com/rjdazevedo>

Neste caso, como acontece com o populismo, parte-se de uma “verdade absoluta e indiscutível”. Tudo o que não corresponda a ela é desqualificado e considerado “politicamente incorreto”.

Vamos agora pegar o problema do racismo. Sabemos que é “politicamente incorreto” ser racista. Diante disso, boa parte dos racistas continua racista como sempre mas evita externar sua opinião em certos ambientes “politicamente corretos”.

Neste sentido, o “politicamente correto” ajuda a manter o racismo vivo ao não discuti-lo para que seja eliminado, de uma vez por todas, por meio de argumentos.

Outro exemplo: é “politicamente correto” valorizar e recomendar a leitura. Isso faz com que adultos que nunca foram leitores nem se interessam pela leitura, recomendem livros para crianças e jovens. Como não são leitores e não têm experiência com livros, utilizam argumentos idealizados e incapazes de convencer crianças e jovens. Neste sentido, o “politicamente correto” tem sido uma das principais razões para a não formação continuada de leitores no Brasil.

Vale lembrar, no tempo da escravidão, era “politicamente correto” ter escravos.

O “politicamente correto” assim como o “populismo” nada mais são do que a proibição do diálogo e da troca de opiniões a partir de argumentos.

A pessoa “politicamente correta”, assim como a devota do “populismo”, não quer saber de outra opinião que não seja a sua. São pessoas donas da verdade e têm certeza absoluta.

Quem as autoriza a ter tanta convicção e tamanha sabedoria é um mistério que a ciência moderna ainda não desvendou.

Uma coisa parece indiscutível: crenças embora, em geral, devam ser respeitadas, não podem ser utilizadas como argumento final. Afinal, por que sua crença e não a minha?

Com a falta de liberdade para discordar e a paralisia do livre pensamento, o “politicamente correto”, assim como com o “populismo”, mantém as coisas como estão, inclusive aquelas que ambos julgam combater.

Para aliviar o desânimo e a desesperança diante dos populismos de direita e esquerda (aliás “esquerda” e “direita” são outros bons exemplos das “frases feitas” sugeridas por Searle) e do “politicamente correto” que, ao que parece, está crescendo em nossos dias e já ameaça nossa educação e nossa cultura, trago algumas ideias do filósofo Norberto Bobbio, retiradas de seu belíssimo livro *Elogio da serenidade e outros escritos morais*.

Para Bobbio, a “serenidade” é uma virtude que nada tem a ver com humildade, modéstia ou submissão. Segundo ele, a “serenidade” é uma postura humana que, note-se, tem a ver com a “potência de deixar o outro ser aquilo que é”.

Nas palavras de Bobbio, “o indivíduo sereno não tem grande opinião sobre si mesmo, não porque se desestime, mas porque é mais propenso a acreditar nas misérias que na grandeza do homem, e se vê como um homem igual a todos os demais”. E mais: “O sereno sente alegria porque está intimamente convencido de que o mundo por ele imaginado será melhor que o mundo em que ele é obrigado a viver, e o prefigura na sua ação cotidiana, exercitando precisamente a virtude da serenidade, ainda que saiba que este mundo não existe aqui e agora e talvez não venha a existir jamais.”

Da minha parte, tentando agarrar alguma serenidade, mesmo que pífia e capenga, “prefiguro” um Brasil muito melhor, mais civilizado e humano quando nos livrarmos tanto do “populismo” como do “politicamente correto”, para que seja possível organizar um mutirão, com a concordância da maioria da sociedade, em busca de uma Educação de qualidade para todos os cidadãos.